

## A RELAÇÃO TRABALHO E EDUCAÇÃO NA PEDAGOGIA SOCIALISTA RUSSA

## LA RELACIÓN TRABAJO Y LA EDUCACIÓN EN LA PEDAGOGÍA SOCIALISTA RUSA

## THE RELATIONSHIP OF WORK AND EDUCATION IN RUSSIAN SOCIALIST PEDAGOGY

DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v12i1.36928>

Franciele Soares dos Santos<sup>1</sup>

Suely Aparecida Martins<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho objetiva refletir sobre a relação trabalho e educação na pedagogia socialista russa. Para tanto, primeiramente, apresentamos os fundamentos da teoria marxista da educação, pois a pedagogia socialista russa guiou-se por estes fundamentos. Em um segundo momento, discutimos sobre os seus legados, por meio do debate do contexto da sua elaboração e desenvolvimento das experiências escolares, explicitamos suas categorias pedagógicas e como estas efetivam a relação trabalho e educação, no contexto da Escola Única do Trabalho.

**Palavras-chave:** Marxismo e educação; Pedagogia socialista russa; trabalho e educação

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la relación entre trabajo y educación en la pedagogía socialista rusa. Para eso, primero, presentamos los fundamentos de la teoría marxista de la educación, ya que la pedagogía socialista rusa se guió por estos fundamentos. En un segundo momento, discutimos sobre sus legados, através del debate del contexto de su elaboración y desarrollo de experiencias escolares, explicamos sus categorías pedagógicas y cómo afectan la relación entre el trabajo y la educación, en el contexto de la Escuela Única del Trabajo.

**Palabras clave:** marxismo y educación; Pedagogía socialista rusa; Trabajo y Educación.

**Abstract:** This paper aims to reflect on the relationship between work and education in Russian socialist pedagogy. For that, first, we present the foundations of the Marxist theory of education, since the Russian socialist pedagogy was guided by these foundations. In a second moment, we discuss about their legacies, through the debate of the context of their elaboration and development of school experiences, we explain their pedagogical categories and how they effect the relationship between work and education, in the context of the Unique School of Work.

**Keywords:** Marxism and education; Russian socialist pedagogy; Work and education.

### Introdução

As análises do modo de produção capitalista realizadas por Karl Marx e Friedrich Engels em seus escritos, explicitaram a necessidade de um novo olhar sobre a educação e a escola. Como sabemos, Marx e Engels não elaboraram uma teoria pedagógica, no entanto, no decorrer das suas obras, analisaram questões importantes vinculadas à educação e a escola burguesa, estas análises permitiram que vislumbrassem a necessidade e de uma educação politécnica, alicerçada no trabalho, na ciência e na técnica, comprometida com a formação integral de homens e mulheres. Uma educação que pudesse devolver aos trabalhadores aquilo que o capitalismo havia lhes tirado: o saber sobre o processo de trabalho, daí o caráter político, de classe e revolucionário presente nos escritos de Marx e Engels, conforme observado por Manacorda (1991a).

Nos textos marxianos há páginas dedicadas à educação, com a atenção voltada às crianças trabalhadoras como, por exemplo, no Manifesto do Partido Comunista (1848), nas Instruções aos delegados (1868), n' *O Capital* e na *Crítica ao programa de Gotha* (1875). Nestes textos, está apresentada a teoria marxista da educação e o princípio socialista da pedagogia marxiana, que diz respeito à união entre a instrução e o trabalho. Sem dúvida, eles elaboraram as bases para construção de uma pedagogia revolucionária, de inspiração socialista, com vistas a corroborar com a transformação social, forjando categoria imprescindíveis para a compreensão da formação humana multilateral.

Todavia, foi por meio das necessidades objetivas colocadas pela Revolução Socialista Russa em 1917, que se abriram as condições concretas para ensaiar e efetivar, mesmo com alguns limites, essa nova pedagogia, baseada num projeto educativo com valores socialistas e embebida do desejo de constituir uma outra forma escolar concernente a nova sociedade que se organizava. De fato, durante o período revolucionário russo, especificamente de 1917 a 1931, são realizadas experiências educativas e escolares que tinham por objetivo construir uma pedagogia de caráter socialista oposta à pedagogia hegemônica do capital, apresentando a educação como um terreno potencialmente fecundo para contribuir para a transformação social, com vistas a formação do homem novo e a construção do socialismo.

A pedagogia socialista, organizada e desenvolvida durante o período revolucionário russo, pode ser considerada “[...] uma expressão da teoria marxista da educação”. (SAVIANI, 2011). Especialmente Vladimir Lenin, Anatoli Lunatcharski, Nadjla Krupskaja, Moisey Pistrak, Anton Makarenko e Viktor Shulgin contribuíram para o desenvolvimento de uma proposta pedagógica revolucionária em consonância com o movimento socialista, nesse cenário, destacou-se a realização das experiências escolares nas Escolas-Comunas coordenadas por Pistrak; além da Colônia Gorki (de 1920 a 1928) e a Comuna Dzerjinski (de 1927 a 1935), coordenada, organizada e dirigida por Makarenko durante dezesseis anos.

Ainda que este projeto tenha sido sufocado pelos rumos que tomou a revolução russa a partir da morte de Lênin, é inegável as suas contribuições para a teoria marxista da educação, para a compreensão da relação trabalho educação no contexto escolar, bem como para pensarmos em alternativas que se coloquem na contramão das pedagogias burguesas. Pois, mesmo que estas experiências estavam conectadas à busca pela necessidade de avançar na construção de uma pedagogia que estivesse em consonância com o processo revolucionário em curso naquele momento histórico, no entanto, ainda hoje estas se constituem como experiências significativas para a construção de práticas educativas contra-hegemônicas na atualidade.

Neste artigo, apresentamos e debatemos, mesmo que brevemente, as contribuições da pedagogia socialista russa para teoria marxista da educação. Iniciamos apresentando os fundamentos da teoria marxista da educação, para assim, desvelar como a formação humana no modo de produção capitalista é cindida pelos interesses de classes, logo, uma formação marcada pela unilateralidade, e situar as bases de sustentação da pedagogia socialista russa. Em um segundo momento, discutimos os legados da pedagogia socialista russa, por meio do debate do contexto da sua elaboração e desenvolvimento, dando um breve destaque às experiências escolares realizadas e coordenadas por Anton Makarenko, Moisey Pistrak e a proposta por Viktor Shulgin. Para tanto, explicitamos suas categorias pedagógicas e como estas, ao retomar a concepção revolucionária de educação e formação humana presentes nos escritos marxianos, reforçam e efetivam a

relação trabalho e educação como elemento fundamental que liga a prática educativa a vida e que portanto, devem ser constituintes da nova forma escolar.

### ***Teoria marxista da educação: formação humana e ensino numa perspectiva revolucionária***

Como é sabido, na concepção marxista, a formação humana é concebida como integral, oposta àquela desenvolvida no contexto da forma histórica escolar capitalista, que visa à formação do trabalhador mutilado e unilateral. Ou seja, a concepção marxista de educação representa a contraposição à concepção capitalista de educação, e por meio dela podemos compreender que a educação como uma dimensão da vida social, inserida nos movimentos contraditórios articulados as lutas de classes. (LOMBARDI, 2010).

Nos escritos marxianos, o homem só existe na relação prática com a natureza, uma relação ativa e produtiva. Essa é o objeto ou a matéria da atividade humana. A natureza só existe para o homem à medida que ele a transforma e a humaniza com seu trabalho. Se não tocada pelo homem, é nada para ele. A partir do momento que ela toma um sentido, revela-se a prioridade ontológica. Portanto, o trabalho apresenta-se como categoria central na hominização, ou seja, como fundante do gênero humano. Enquanto valor de uso é condição constitutiva e indispensável à existência humana. Para entender a dimensão educativa do trabalho, precisamos ter essas compreensões.

Além do mais, “a ligação entre ensino e trabalho é, para Marx, também valiosa porque supera a divisão entre trabalho físico e intelectual, que é originada pela divisão do trabalho e acaba com o desenvolvimento prejudicial e unilateral do indivíduo humano”. (SUCHODOLSKI, 1976, p. 23). Dessa maneira, a união entre trabalho e educação é apresentada como um elemento de superação e contraposição à forma que o trabalho assume na sociedade capitalista. Devido a isso, o trabalho como princípio educativo em seu caráter formativo é expressão do trabalho como “[...] ação humanizadora mediante o desenvolvimento de todas as potencialidades do ser humano”. (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2012, p. 749).

É também a partir dessa compreensão, que Marx apresenta ao longo dos seus escritos a necessidade da formação e da educação politécnica. Isso porque, a afirmação do trabalho como princípio educativo está diretamente relacionada com a efetivação da formação politécnica. A maneira pela qual Marx (1983) elabora o conceito de educação politécnica expressa o reconhecimento da necessidade da combinação trabalho produtivo e educação, para ele, “[...] a formação politécnica elevará a classe operária acima dos níveis das classes burguesa e aristocrática”. (MARX, 1983, p. 60).

Educar pela politecnicidade levaria os trabalhadores à cisão da alienação do processo de trabalho e à ruptura com processos de expropriação dos conhecimentos dos trabalhadores especialmente promovida pela escola moderna sob a égide do capital. Observa-se aqui, o sentido político da proposta marxiana de educação, ou seja, seu fundamento articula-se estritamente a luta dos trabalhadores contra o processo de alienação do trabalho imposto pelo capitalismo. Na análise de Frigotto (2012, p. 275), “a educação politécnica resulta, assim, no plano contraditório da necessidade do desenvolvimento das forças produtivas das relações capitalistas de produção e da luta consciente de necessidade de romper com limites intrínsecos e insanáveis destas mesmas relações”. Seguindo esses pressupostos, a educação politécnica comprometida

com a formação integral dos trabalhadores institui os meios para superação do trabalho abstrato, parcial e mutilado. Logo, trabalho como princípio educativo e a politecnia estão imbricados e têm como horizonte a formação omnilateral. Haja vista, é importante ter presente que a formação para o trabalho e a politecnia, mesmo na lógica da forma histórica escolar capitalista, pode representar a possibilidade para engendrar processos educativos que caminhem no sentido da formação omnilateral. (SOUZA JUNIOR, 2008). Por sua vez, a omnilateralidade

[...] busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para o pleno desenvolvimento histórico. Essas dimensões envolvem sua vida corpórea material e seu desenvolvimento intelectual, cultural, educacional, psicossocial, afetivo, estético e lúdico. (FRIGOTTO, 2012, p. 265).

Da citação supracitada, é possível afirmar que a omnilateralidade significa o desenvolvimento multilateral de todas as faculdades humanas com vistas à emancipação de homens e mulheres. Na mesma direção, Manacorda (2010b, p. 96) ressalta que “[...] a onilateralidade é, portanto, a chegada histórica do homem a uma totalidade de capacidades produtivas e, ao mesmo tempo, a uma totalidade de capacidades de consumo e prazeres, em que se deve considerar sobretudo o gozo daqueles bens espirituais, além dos materiais”. Todavia, é indispensável considerar que

As possibilidades do desenvolvimento humano omnilateral e da educação omnilateral inscrevem-se, por isso, na disputa de um novo projeto societário – um projeto socialista – que liberte o trabalho, o conhecimento, a ciência, a tecnologia, a cultura e a relações humanas em seu conjunto dos grilhões da sociedade capitalista. (FRIGOTTO, 2012, p. 267).

Marx e Engels conseguiram desmascarar os princípios educativos burgueses, pautados em valores individualistas, os quais visam adaptação de homens e mulheres a sociedade capitalista. Dessa maneira, a teoria marxista da educação cumpre o papel de demonstrar que o trabalho educativo necessita articular-se a luta política de classe para assim conectar-se a “libertação do homem das cadeias da opressão de classe” (SUCHODOLSKI, 1976, p. 179), com vistas à construção da formação humana e do ensino numa perspectiva revolucionária. Ou seja, a teoria marxista da educação abre novas perspectivas pedagógicas ao

Desmascarar os interesses de classe que favorecem os erros da vida cheia de imaginação e representações; descobrir a contradição entre o que a vida cotidiana é realmente e o que cada julga de si próprio – contradição que reflete os conflitos reais da sociedade burguesa -; mostrar aos homens uma saída da opressão da ‘consciência errônea’ através da sua vinculação com a corrente revolucionária e progressista da história. (SUCHODOLSKI, 1976, p. 92 - 93).

Este entendimento, apresenta desafios à classe trabalhadora no decorrer da história na disputa por um projeto educativo e por uma escola de novo tipo. Neste sentido, é importante considerar que uma das primeiras experiências nesta direção ocorreram a partir do trabalho desenvolvido pelos pedagogos russos e que demarcaram uma nova proposta educativa alicerçada na necessidade da relação trabalho e educação. De fato, as experiências escolares desenvolvidas pelos pedagogos socialistas, seguindo as orientações dos escritos de Marx e Engels, tornam-se uma expressão da teoria marxista da educação.

### ***Pedagogia socialista russa: categorias pedagógicas e a relação trabalho e educação***

A Rússia do início do século XX vivia uma situação de calamidade, o regime de governo era absolutista, no qual o czar detinha o poder com a ajuda da Igreja Ortodoxa, que, por sua vez, agia no sentido de manter a ordem social e transmitir dogmas religiosos. A pobreza, a fome, a desnutrição e o analfabetismo dominavam a sociedade da época, mais de 80% da população morava e trabalhava no campo, e apenas 29% sabia ler e escrever. (CAPRILES, 1989).

Nesse período, o país possuía uma indústria moderna, porém recente. A classe operária era composta em sua maioria por ex-camponeses jovens que trabalhavam em condições precárias e recebiam baixos salários, e a participação da Rússia na Primeira Guerra Mundial agravou ainda mais os problemas sociais e econômicos do país.<sup>3</sup> Diante desse cenário, crescia paulatinamente o descontentamento popular que culminou na Revolução de 1917, quando o proletariado assumiu o poder, liderado pelo partido bolchevique de Lenin.

Nos primeiros anos após a revolução, as dificuldades para a consolidação do socialismo eram muitas, pois “[...] a Rússia não havia experimentado um desenvolvimento capitalista evolutivo clássico típico dos países centrais da Europa”. (PAULINO, 2010, p. 56). Logo, os bolcheviques tinham muitos desafios pela frente. Um dos principais desafios era o de consolidar a nova ordem social, educar o homem novo para a nova sociedade, bem como combater o atraso histórico em que se encontrava a Rússia dos czares.

Na busca pela consolidação da revolução, os bolcheviques investiram na construção de novas relações de propriedade e produção e na educação das massas para erradicar o analfabetismo. Logo após a revolução, o ministro da Educação, Lunatcharski, juntamente com Krupskaja e Lenin, começa a realizar transformações profundas no sistema educacional russo.

De fato, quando assumiu o governo, Lenin a implementou as ideias socialistas no âmbito da educação; voltou-se para as teses marxianas e, durante o VIII Congresso do Partido Comunista (bolchevique) em 1919, aprovou uma resolução pedagógica muito semelhante à proposta feita por Marx nas Instruções aos delegados ao I Congresso, conforme relata Manacorda (1991a, p. 314-315):

Plena realização dos princípios da escola única do trabalho, com ensino de língua materna, com o estudo comum das crianças dos dois sexos, absolutamente laica, livre de qualquer influência religiosa, que concretize uma estrita ligação do ensino com o trabalho socialmente produtivo, que prepare membros plenamente desenvolvidos para a sociedade comunista.

Especificamente de 1917 a 1931, foram realizadas as experiências educativas e escolares que tinham por objetivo construir a nova pedagogia de caráter socialista. Estas experiências apresentavam a educação como um terreno potencialmente fecundo para contribuir para a transformação social com vistas à formação de homem novo, ou seja, de lutadores e construtores da nova sociedade. Na organização da nova escola os educadores socialistas buscaram romper com a escola czarista russa, bem como com a escola burguesa presente na Europa denominada por Krupskaja (2017) de “escola ensino”<sup>4</sup>. Ao refletir sobre o processo de construção da escola socialista, a educadora destaca que a escola pública destinada aos trabalhadores até então era pautada na ciência livresca, isolada da vida pregando o culto ao Estado burguês: “[...] em poucas palavras, a tarefa da escola pública é manter os estudantes com a moral burguesa, diminuir

sua consciência de classe, fazer deles um rebanho obediente, fácil de controlar”. (KRUPSKAIA, 2017, p.68). Diante desse entendimento, os educadores socialistas compreenderam a necessidade da organização de uma escola que rompesse com a forma histórica escolar capitalista, pois as propostas da pedagogia socialista russa tinham como um dos objetivos principais repensar o trabalho pedagógico e construir uma antítese à forma histórica escolar naquele contexto histórico, mesmo com limites e contradições, tendo como objetivo a sua transformação.

Na pedagogia socialista russa o trabalho constituiu-se como categoria central na organização das experiências escolares, tendo por referência os escritos de Marx e Engels. Somando-se a categoria trabalho encontrava-se organicamente vinculadas às categorias pedagógicas: atualidade, trabalho socialmente necessário-TSN, auto-organização e coletividade. A elaboração destas categorias demonstrava a preocupação dos educadores socialistas com a conexão escola e vida material, conforme ressaltou Krupskaja (2009, p. 108), os organizadores da nova escola tinham o “[...] desejo incansável de ligar a escola com fortes fios a vida social ao redor, transformar a própria escola em parte integrante dessa vida”.

A nova escola conectada com a vida ocorreu por meio da organização da Escola Única do Trabalho. Em setembro 1918, é publicada a “Deliberação sobre a escola única do trabalho”, pelo Comitê Central do Partido Comunista (bolchevique), em outubro do mesmo ano, é publicado pelo Narkompros um documento intitulado “Princípios Fundamentais da Escola Única do Trabalho”. Nesse mesmo ano, há a criação das Escolas Experimentais Demonstrativas, como a Escola-Comuna Lepeshinski, que se organizavam a partir dos princípios da Escola Única do Trabalho. Freitas (2012) esclarece que a terminologia *escola única do trabalho* estava vinculada à ideia de uma *escola* comprometida com a construção de uma nova sociedade, sendo instrumento a favor da conscientização e emancipação da classe trabalhadora, bem como *única* por não ser dual, ou seja, há uma forma de organização escolar e curricular comum a todos. E, ainda, *do trabalho*, por apresentar a compreensão do trabalho como princípio educativo, com ênfase na formação politécnica.

Para Shulgin (2013), a base conceitual da relação entre trabalho educação está presente no conceito de trabalho socialmente necessário - TSN, sendo este também o elemento-chave para conectar a escola à atualidade e à vida. Dessa maneira “[...] rompe com a limitação das escolas; ele, precisamente ele, introduz a criança na sociedade mais ampla; as inclui na vida dos adultos, e com eles ensina a resolver as tarefas do trabalho social”. (SHULGIN, 2013, p. 142). O TSN permitiu ampliar a compreensão do trabalho como princípio educativo, revelando o vínculo essencial do trabalho com a realidade, ou seja, estreitando-se assim os laços que unem escola à vida, isto é, a atualidade. Entendia-se que “[...] a finalidade da escola é proporcionar à criança a compreensão da realidade viva”. (KRUPSKAIA, 2017, p. 125).

Dessa forma, o TSN foi entendido como um meio de mediar à relação escola e vida, podendo ser, ao mesmo tempo, uma espécie de antídoto ao isolamento da escola no tocante às problemáticas sociais enfrentadas pela comunidade e escola. Somado a isso, se encontrava a valorização do trabalho coletivo, por meio principalmente de diferentes formas organizativas no âmbito da escola, que se vinculou diretamente ao processo de auto-organização dos alunos nas diferentes faixas etárias.

Assim, foi pelo e no trabalho em suas diferentes nuances que as experiências escolares socialistas objetivaram contribuir para leitura crítica da atualidade, entendendo-a enquanto pertencente à totalidade e a vida. Dessa maneira, por meio da categoria pedagógica atualidade, buscava-se no processo educativo desnudar a essência da luta de classes, para assim compreender os objetivos de luta da classe trabalhadora. A escola deveria apresentar, discutir, estudar e analisar com os estudantes a atualidade para, assim, garantir a compreensão do caráter histórico e dialético da luta de classes e dos anseios da classe trabalhadora na construção e efetivação do socialismo. Como se pode observar, a categoria pedagógica da atualidade vai além da leitura da realidade imediata. De acordo com Pistrak (2003, p. 134)

[...] estuda-se a realidade atual pelo conhecimento dos fenômenos e dos objetos em suas relações recíprocas, estudando-se cada objeto e cada fenômeno de pontos de vista diferentes. O estudo deve mostrar relações recíprocas existentes entre os aspectos diferentes das coisas, esclarecendo-se a transformação de certos fenômenos em outros, ou seja, o estudo da realidade atual deve utilizar o método dialético.

Pode-se perceber que a dimensão da atualidade expressa por Pistrak (2003) leva-nos a análise da relação entre os diferentes fenômenos sociais a serem estudados, tomando por base o método dialético. Outra categoria pedagógica fundamental no processo de constituição da forma didático-pedagógica das experiências escolares russas é a auto-organização dos estudantes. Para apreender melhor seu significado, é preciso atentar ao fato de que a auto-organização envolve a capacidade dos estudantes de organizar suas atividades escolares participando ativamente desse processo. Para os educadores russos a auto-organização deveria ser ensinada desde a mais tenra idade, articulada à construção da noção de coletividade, hábitos e habilidades de auto-organização. Pistrak (2003) afirma que a auto-organização se relaciona com a capacidade dos educandos trabalharem coletivamente; o que implicava em responsabilidade, obrigações e, principalmente, compromisso com a coletividade. Como alerta o autor “[...] se a auto-organização dos estudantes não é baseada na coletividade das crianças ela se torna um projeto natimorto”. (PISTRAK, 2003, p. 134).

Ao descrever os aspectos necessários para consolidação da auto-organização nas Escolas-Comunas, Pistrak (2009) destaca que a auto-organização deve aproximar-se ao máximo as tarefas dos interesses das crianças, para estimular o desenvolvimento e a aprendizagem da iniciativa, organização, bem como a criatividade. Do ponto de vista pedagógico, o professor atua no sentido de fomentar a participação ativa das crianças na escola, ele deve ajudar e dar conselhos, mediar e dirigir discretamente o trabalho das crianças.

Nesse cenário, a constituição de coletivos infantis dá suporte à auto-organização. Segundo Pistrak (2003, p.173) “[...] a necessidade do coletivo infantil deriva da necessidade fundamental de inculcar nas crianças a atividade, a iniciativa coletiva, a responsabilidade correspondente à sua atividade. O coletivo das crianças criará, pelo próprio fato de existir, a auto-organização”. Observa-se também que os coletivos infantis devem possuir formas de organização que visem à construção de responsabilidades, para tanto, “[...] deduz-se que a auto-organização das crianças não é apenas um jogo. Deve ser uma necessidade, uma ocupação séria das crianças encarregadas de uma responsabilidade sentida e compreendida” (Ibidem, p. 197). Por isso, a participação das crianças no trabalho pedagógico efetivava-se por meio de sua representação

no Conselho Escolar, esta participação tem um objetivo amplo de construir noções de coletividade para que não haja mais a distinção “entre (nós) e eles (educadores)”. Em relação à formação dos coletivos infantis, o educador destaca a necessidade de eleições por meio da Assembleia Geral dos Alunos que se constitui como o princípio fundamental do coletivo.

As categorias da auto-gestão e auto-organização são importantes referências para o aprendizado do trabalho coletivo e para a construção/organização da vida coletiva, colaborando para a formação de sujeitos históricos, a partir de uma perspectiva formativa multilateral. Esta preparação, colabora, sobremaneira, para a superação do individualismo, uma das principais características que emergem do modo de produção de vida em uma sociedade capitalista.

Makarenko, nas experiências escolares desenvolvidas na Colônia Górkí transformou a coletividade como objeto da educação, complementada por outras categorias pedagógicas não menos importantes: disciplina, trabalho e autogestão. Do ponto de vista de Makarenko, para construir uma coletividade educacional é necessário fomentar o sentimento de solidariedade entre os professores, educandos e a comunidade. Para isso, organizou os chamados destacamentos. Enquanto coletividade primária, os destacamentos eram instâncias de organização da coletividade geral. A organização destes ocorria por meio da troca em tempos em tempos do comando, ou seja, a ideia é a de que todos tivessem a possibilidade de um dia ser comandantes ou comandados. Para Capriles (1989, p. 86), Makarenko, [...] organizou a vida na colônia mediante um sistema e interligação coletiva das responsabilidades, de forma que os próprios educandos sentiam-se parte fundamental do todo. Formulou a ideia acompanhada de uma exigência única, na qual foi intransigente: manter uma disciplina rígida. Makarenko colocou os próprios educandos na condução dos principais programas elaborados para desenvolver o processo produtivo, com finalidade e que as exigências progressivas a que cada indivíduo era submetido tornassem possíveis as transformações desejadas. Vista assim, a colônia não era uma soma mecânica de indivíduos, mas um complexo social único na busca da solidariedade.

No método pedagógico de Makarenko, o trabalho coletivo assegurava a manutenção da colônia com tarefas diárias de autogestão da escola, realizadas por educandos e educadores, e também o trabalho produtivo. Os educandos trabalhavam num período e estudavam no outro. O trabalho era tido como elemento crucial na formação humana e era compreendido como “[...] parte do sistema geral da coletividade”. (LUEDEMANN, 2002, p. 26).

Exatamente por estas características, a proposta da escola russa estava entrelaçada com o objetivo de “armar” as crianças, adolescentes e jovens russos para a luta e para a criação da nova sociedade, ou seja, enquanto lutadores e construtores da nova sociedade. (SHULGIN, 2013). Shulgin afirmava constantemente a necessidade de a escola articular o conhecimento teórico com a prática social. Segundo ele, as escolas da época estavam isoladas da vida, o que faz com que o trabalho se torna desnecessário na educação das crianças e jovens. A solução para ele abrangia a necessidade da efetivação do trabalho como princípio educativo, entendendo que:

[...] o trabalho é uma forma de introduzir os estudantes na família trabalhadora mundial para participar de sua luta, compreendê-la, seguir a história do desenvolvimento da



sociedade humana, obter experiência de trabalho, de organização coletiva, aprender a disciplina do trabalho. Para nós o trabalho é fundamento da vida, fundamento do trabalho educacional, é a melhor maneira de ensiná-los a viver a atualidade de ensinar, como ele, da melhor maneira, une-se a ela: a fábrica é o melhor e mais sensível registro da atualidade. Assim, fundem-se em uma unidade indivisível de autogestão o trabalho, a atualidade, e assim são puxados desafiados pela vida pelo caminho do desenvolvimento econômico, que exige uma escola necessária para a classe trabalhadora, a classe operária, uma escola cria um lutador e construtor da vida. (SHULGIN, 2013, p. 42).

Para o autor, o trabalho na escola deve proporcionar a atuação na vida real e cotidiana da comunidade. Ou seja, “[...] a escola estuda a vida, a economia, o nível cultural e político de uma determinada região do campo, a aldeia, da cidade, etc. Mas isso não é suficiente: ela tem que ajudar a introduzir o novo na economia, melhorá-las. Só desta maneira vai se tornar uma escola do trabalho (Ibidem, p. 52)”. Isso porque a proposição de Shulgin não era só a de introduzir o trabalho na escola, mas também de compreender sua forma social:

O termo “trabalho socialmente necessário” precisa ser decifrado do seguinte modo: por trabalho social, vamos entender o trabalho de organização da escola ou do destacamento dos pioneiros, orientado para a melhoria da economia e da vida, para elevar o nível cultural do meio, trabalho que dá determinados resultados positivos (se quiserem, resultados produtivos), isso em primeiro lugar; em segundo, é o trabalho pedagogicamente valioso; em terceiro, o que está incluído no segundo ponto, mas no qual insistem os camaradas e que realmente é necessário enfatizar: é aquele trabalho que está em conformidade com as forças dos adolescentes e com as particularidades da sua idade [...] . (SHULGIN, 2013, p. 90).

Sem dúvida, em sua obra o educador apresenta os requisitos para que a antiga escola de estudos se transforme na escola do trabalho social. Ele enfatiza que o trabalho social sempre exigirá um tempo diferente, adicional, no qual o professor ajuda as crianças a se organizarem. Descreve ainda as etapas do trabalho social: a) o trabalho planejado, o plano; b) a propaganda entre a população; c) a preparação para a sua realização (habilidades, conhecimentos adicionais, aquisição do equipamento, etc.); d) o próprio ato de execução; e) a avaliação. Conclui que, para estas etapas se realizarem de forma satisfatória, é necessária uma atenção redobrada à organização.

Se há uma autogestão, bem organizada, coletivos fortemente coesos, experiência no trabalho, tudo se ajusta bem. [...]. Mas se todos os pontos são feitos coletivamente e pelo coletivo, isso não significa que todos fazem o mesmo e no mesmo lugar. [...] O trabalho pode ser realizado sozinho por um tempo, mas como parte de um trabalho mais amplo. Mas o registro é sempre comum. É preciso relatar não apenas aquilo que foi feito por cada um, mas como foi feito o trabalho todo, mas não ante ao professor, mas ante o conselho, ante a população. Então, eles vão elogiar e dirão que o trabalho foi bem realizado – aí poderemos dizer que o trabalho social foi feito. É isso que temos que conseguir. Assim, posta a escola desenvolve nas nossas crianças o hábito de trabalhar para as necessidades da sociedade. Assim, e só assim posta, a escola educa para nós comunistas. (SHULGIN, 2013, p. 152).

Dessa forma, o TSN é compreendido como um trabalho social articulado com o meio, que estabelece um compromisso com a comunidade local em todos os seus aspectos desde melhoria da economia e da vida e até a elevação cultural dos sujeitos. Assim, “ele ocorre fora da escola, na vida e entorno dela, coloca a criança na posição de pesquisador e executor. Ele apaga os limites da escola”. (SHULGIN, 2013, p. 114). Vale destacar que a grande crítica de Shulgin era o afastamento da escola da vida, na visão do

educador, é impossível ignorar a vida, pois “a escola estuda a *vida*”. (Ibidem, p. 44), não estando descolada de suas problemáticas e contradições.

Portanto, podemos afirmar que a pedagogia socialista russa ensaiou e potencializou práticas educativas emancipatórias que, a nosso ver, apresentam novas contribuições à teoria marxista da educação, pois foram os pedagogos russos que ensaiaram a construção de uma nova forma escolar, inspirados pelos escritos de educação de Marx e Engels, e efetivaram a relação trabalho e educação por meio das experiências escolares, dessa forma, a pedagogia socialista russa “[...] retomava o papel criativo e criador do trabalho enquanto valor de uso e socialmente necessário, no qual se converte, no âmbito da escola, em trabalho como princípio educativo”. (LEITE *etal*, 2018, p.239).

### ***Considerações finais***

A pedagogia socialista russa aponta direções para pensarmos a relação trabalho e educação também hoje, as experiências escolares desenvolvidas pelos pedagogos socialistas, seguindo as orientações dos escritos de Marx, ensinaram que construir uma educação socialista implica incorporar obrigatoriamente no processo educacional o trabalho como princípio educativo, por meio das mais variadas formas de trabalho socialmente úteis – com destaca Freitas (2009): o autosserviço, oficinas, trabalho produtivo e outros –, articulando-as à leitura crítica da atualidade, ou seja, da vida, bem como a autogestão do trabalho pedagógico, fazendo uso da noção de coletividade, tendo ainda como objetivo final a formação politécnica e multilateral de homens e mulheres. Nessa direção, compreende-se que o legado da pedagogia socialista russa pode ser tomado como ferramenta de análise para a teoria marxista da educação, pois esta retoma as suas bases e avança na construção de práticas educativas, tendo como fundamento para sua organização a relação trabalho e educação.

Cabe, enfim, sublinhar que as questões pontuadas pelos educadores socialistas podem ser consideradas atuais e ainda se constituem como demandas do nosso tempo histórico. Por isso, reforçamos que há um importante legado e muitas contribuições deixadas pelas experiências escolares desenvolvidas no contexto revolucionário russo e este nos provoca a apreender as lições presentes nestas experiências, bem como potencializá-la no exercício de, como, destaca Freitas (2017, p. 234) “[...] extrair alguns requisitos para qualificar melhor a formulação de propostas pedagógicas contra-hegemônicas”, ainda no contexto do modo de produção capitalista.

### ***Referências***

- CAPRILES, René. **Makarenko**: o nascimento da Pedagogia Socialista. São Paulo: Scipione, 1989.
- FREITAS, Luiz Carlos de. A pedagogia socialista: devolvendo a voz aos pioneiros da educação russa. *In*: CALDART, Roseli, BÔAS, Rafael Litvín Villas (orgs). **Pedagogia socialista**: legado da revolução russa de 1917 e desafios atuais. São Paulo: Expressão Popular, 2017.
- FREITAS, Luiz Carlos de. Escola Única do Trabalho. *In*: CALDART, Roseli; PEREIRA, Isabel; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

- FRIGOTTO, Gaudêncio, CIAVATTA, Maria. Trabalho como princípio educativo. *In*: CALDART, Roseli S., PEREIRA, Isabel B., ALENTEJANO, Paulo, FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário de Educação do campo**. Rio de Janeiro. São Paulo: EPSJV, Expressão Popular, 2012.
- KRUPSKAIA, Nadjla. K. **A construção da pedagogia socialista**. São Paulo: Expressão popular, 2017.
- KRUPSKAIA, Nadjla. K. Prefácio. *In*: PISTRAK, Moisey M. **A Escola-Comuna**. Trad. Luiz Carlos de Freitas e Alexandra Marenich. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- LEITE, Valter e BORGES, Liliam. Escola única do trabalho pós-revolução russa de 1917 e o trabalho como princípio educativo. *In*: **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 10, n. 3, p. 226-235, dez. 2018.
- LOMBARDI, José. Educação e Ensino em Marx e Engels. *In*: **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**. Londrina, v.2, n.2, p.20-42, ago. 2010.
- LUEDEMANN, Cecília. **Anton Makarenko vida e obra – a pedagogia da revolução**. São Paulo: Expressão Popular, 2002.
- MAKARENKO, Anton. **Poema Pedagógico**. Trad. Tatiane Belinki. Pós-fácio Zóia Prestes. São Paulo: 34, 2012.
- MANACORDA, Mário A. **Marx e a pedagogia moderna**. 2.ed. São Paulo: Editora Alínea, 2010b.
- MANACORDA, Mário A. **Marx e a pedagogia moderna**. São Paulo: Cortez, 1991a.
- MARX e ENGELS. **Textos sobre educação e ensino**. São Paulo, Moraes, 1983.
- MARX, Karl. **Crítica ao Programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- PAULINO, Robério. **Socialismo no século XX: o que deu errado?** 2.ed. São Paulo: Letras do Brasil, 2010.
- PISTRAK, Moisey. **A Escola-Comuna**. Trad. de Luiz Carlos de Freitas. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- PISTRAK, Moisey. **Fundamentos da escola do trabalho**. Trad. de Luiz Carlos de Freitas. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2003.
- SAVIANI, Dermeval. Marxismo e pedagogia. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, número especial, p. 16-27, abr. 2011.
- SHULGIN, Viktor. N. **Rumo ao Politecnismo**. Trad. Alexey Lazarev e Luiz Carlos de Freitas. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- SOUZA JUNIOR, Justino. Omnilateralidade. *In*: PEREIRA, Isabel Brasil e LIMA, Júlio César França. **Dicionário da educação profissional em saúde**. 2.ed. rev. ampl. - Rio de Janeiro: EPSJV, 2008.
- SUCHODOLSKI, Bogdan. **Fundamentos de pedagogia socialista**. Barcelona: Laia, 1976.
- TROTSKY, Leon. **A história da Revolução Russa**. Tradução de E. Huggins. Primeiro Volume. Rio de Janeiro: Saga. 1967.

---

## Notas

<sup>1</sup> Doutora em Educação na Universidade Federal de Pelotas-UFPel. Professora do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-Unioeste. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Sociedade, Trabalho e Educação - <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/14888> CV: <http://lattes.cnpq.br/8310447915314417> Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1223-1650> E-mail: [sfrancielesoares@gmail.com](mailto:sfrancielesoares@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorado em Sociologia Política e professora do curso de Pedagogia e do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, campus de Francisco Beltrão. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas

---

Sociedade, Trabalho e Educação - <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/14888> CV: <http://lattes.cnpq.br/2450774413938872>  
Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7876-6634> Email: [martins\\_sue@hotmail.com](mailto:martins_sue@hotmail.com)

<sup>3</sup> Para Trotsky (1967, p. 23), “o traço essencial e o mais constante da História da Rússia é a lentidão com que o país se desenvolveu, apresentando como consequência uma economia atrasada, uma estrutura social primitiva e o baixo nível cultural”.

<sup>4</sup> De acordo com Krupskaja (2017) a escola do ensino é usualmente livresca, é isolada da vida e sem ligação com o trabalho, já a escola do trabalho é ligada e vida e ao trabalho.

Recebido em: 22.05.2020

Aprovado em: 08.07.2020